

A Nossa Praça



ISRAEL FOGUEL

A Nossa Praça

1ª Edição

**São Paulo
Edição do Autor
2020**

©Copyright by Israel Foguel - 2020
Editor Israel Foguel

Diagramação e capa: Israel Foguel

Livro registrado de acordo com a lei 9.610, de 19 de fevereiro de 1998.

Dados para catalogação na publicação (CIP)

F656n Foguel, Israel, 1954 –

A Nossa Praça / Israel Foguel –
São Paulo: Editora Yolbook, 2020.
220 p.; 14,8 x 21 cm.

ISBN: 978-65-00-10536-0

1.Praça. 2.Jardim. 3.Arquitetura I.Título

CDD – 712.5

CDU- 712.254

Todos os direitos reservados à

Israel Foguel - Pirassununga - SP

E-mail: israel.foguel@gmail.com

Telefone: (19) 9.9745.4131

A Nossa Praça

INTRODUÇÃO



As praças, ao longo dos tempos, levando-se em conta os diversos aspectos que as envolvem, como definição, funções, usos e concepções, sofreram significativas mudanças. Todavia, é consenso que, a despeito das transformações impostas pelo tempo, às praças ainda representam um espaço público de grande importância no cotidiano urbano.

Israel Foguel

Assim sendo ao escrever este livro tivemos por objetivo a realização de uma revisão bibliográfica acerca da importância e das principais funções de uma praça pública na contemporaneidade. Tal conhecimento é primordial para a preservação e valorização desta área, que costumam ter importância vital para a dinâmica das cidades.

Neste caso específico, escolhemos a praça que representa a própria história da cidade de Pirassununga, denominada inicialmente de Largo Municipal (atual Praça Conselheiro Antonio Prado).

Uma praça pode ser definida, de maneira ampla, como qualquer espaço público urbano, livre de edificações que propicie convivência ou recreação para os seus usuários. O espaço urbano tido com precursor das praças foi a Ágora, na Grécia.



A Ágora ateniense era um espaço aberto, normalmente delimitado por um mercado, no qual se

A Nossa Praça

praticava a democracia direta, visto ser este o local para discussão e debate entre os cidadãos.

Até meados do século XVIII o projeto de praças restringia-se ao entorno dos palácios europeus, nem sempre inseridos no contexto urbano. Os espaços livres existentes nas cidades e marcados pelas aglomerações humanas estavam, em geral, relacionados à existência de mercados populares (comércio) ou ao entorno de igrejas e catedrais. Foi somente no século XIX, que o desenho de praças entrou em cena, preconizado pelo trabalho de profissionais como Frederick Law Olmsted (projetou o Central Park de Nova Iorque).



Central Park de Nova Iorque

Israel Foguel

Esse espaço, existente há milênios, utilizado por civilizações de distintas maneiras, nunca deixou de exercer a sua mais importante função: a de integração e sociabilidade. Considerando que praças são espaços abertos, públicos e urbanos destinados ao lazer e ao convívio da população, sua função primordial é a de aproximar e reunir as pessoas, seja por motivo cultural, econômico, político ou social.

A praça é, também, um espaço dotado de símbolos, que carrega o imaginário e o real, marco arquitetônico e local de ação, palco de transformações históricas e socioculturais, sendo fundamental para a cidade e seus cidadãos. Constitui-se em local de convívio social por excelência.

É um espaço de reunião, construído para e pela sociedade, imbuída de significados, marcos centrais da constituição de trajetos, ponto de chegada e partida, concentração e dispersão. Consiste em espaço para pedestres e é palco representativo da dimensão cultural e histórica da cidade, além de abrigar, frequentemente, o comércio formal e o informal, como as feiras populares, coloniais, de artesanato, carnavais populares, shows, teatro de rua, feiras de livros, entre outras.

A possibilidade do contato interpessoal público, oferecida pela praça, permite o estabelecimento de ações culturais fundamentais, desde interações sociais até manifestações cívicas. Sendo assim, a praça potencializa

A Nossa Praça

a noção de identidade urbana 2/3 que, dificilmente, o lazer na esfera da vida privada poderia proporcionar.

Espacialmente, a praça é definida pela vegetação e outros elementos construídos. Neste sentido, de acordo com cada sentido que a palavra praça pode assumir, estes espaços podem ser classificados em:

Praça Jardim: espaços nos quais a contemplação das espécies vegetais, o contato com a natureza e a circulação são priorizados. Estes podem ser fechados por grades ou cercas, como o passeio público do Rio de Janeiro e de Curitiba, ou ainda podem ser abertos e rodeados de imóveis (comerciais e residenciais), como na cidade de Pirassununga.

No Brasil, o conceito de praça está, normalmente, associado a idéia de verde e de ajardinamento urbano, por este motivo, os espaços públicos formados a partir do pátio das igrejas é comumente chamado de adros ou largos.

Praça Seca: largos históricos ou espaços que suportam intensa circulação de pedestres. Em algumas destas praças inexistente qualquer tipo de árvores ou jardins e nelas o importante é o espaço gerado pela arquitetura e são relações entre volumes do construído e do vazio que dão ao conjunto a escala humana.

Nestes locais destacam-se símbolos arquitetônicos como a Praça de São Marcos em Veneza (Itália), a Praça de São Pedro em Roma (Itália) ressaltando a Basílica, a

Israel Foguel

praça dos três Poderes em Brasília e o Memorial da América Latina em São Paulo.



A Nossa Praça



Praça dos Três Poderes (Brasília)



Memorial da América Latina (São Paulo)

Israel Foguel

Praça Azul: praças nas quais a água possui papel de destaque. Alguns belvederes e jardins de várzea possuem esta característica.

Praça Amarela: as praias em geral são consideradas praças amarelas.

Quanto a sua importância, os benefícios trazidos pelas praças públicas decorrem tanto da vegetação que pode ser abrigada por elas, quanto de aspectos subjetivos relacionados à sua existência, como a influência positiva no psicológico da população, proporcionada pelo contato com a área verde e/ou pelo uso do espaço para o convívio social.

A vegetação urbana atua ainda, de forma direta, no conforto ambiental.

Dentre as vantagens proporcionadas pelo uso da vegetação, destacam-se: melhoria microclimática – interceptação da radiação solar; efeito sobre a umidade do ar e sobre o ciclo hidrológico das cidades; e diminuição da velocidade dos ventos; ação contra a poluição pela retenção de partículas poluidoras; contribuição para o conforto lumínico - proporcionam sombra e atuam como barreiras contra o ofuscamento das luzes; e barreira acústica - quando a vegetação utilizada for densa.

Além destas vantagens diretas, a vegetação atua benéficamente na sensação de bem-estar e na qualidade de vida daqueles que desfrutam do ambiente coberto por espécies vegetais.

A Nossa Praça

Pode-se classificar os valores atribuídos às praças em três categorias: valores ambientais, valores funcionais e valores estéticos/simbólicos.

Os Valores Ambientais dizem respeito ao espaço livre ocupado pelas praças que permite: melhoria na ventilação e aeração urbana; melhoria da insolação de áreas mais adensadas; as árvores promovem o sombreamento das ruas e seus canteiros não irradiam tanto calor como o asfalto ou piso de concreto, propiciando o controle da temperatura; a cobertura vegetal permite a melhoria na drenagem das águas pluviais e a proteção do solo contra a erosão.

Os Valores Funcionais correspondem à importância que muitas praças têm como as 3/3 principais, senão únicas, opções de lazer urbano. Estas áreas servem como ponto de encontro, local aberto para apreciação da paisagem, além de disporem, muitas vezes, de outros atrativos destinados ao lazer da população, como: coretos para apresentações culturais, fontes que jorram água, bancos para descanso, quiosques com vendas de lanches, barras de ginástica, pistas de caminhada e ciclovias, parquinhos para crianças, entre outros.

Os Valores Estéticos e Simbólicos representam a função das praças enquanto objetos referenciais e cênicos da paisagem urbana, além de exercerem importante papel na identidade de um município, bairro ou rua. Geralmente relacionado à carga histórico-cultural, as

Israel Foguel

praças são vistas e atuam como espaço de diálogo, local acolhedor para o passeio e lazer de toda sociedade. Do ponto de vista estético, as praças contribuem através das qualidades plásticas - cor, forma, textura - de cada uma das partes visíveis que as integram.

Enfim, tanto em tempos remotos quanto na atualidade, fica claro que as praças desempenham importante papel como espaço democrático, de uso comum, palco de decisões e local de convívio e lazer de toda comunidade. Conhecer a importância, os usos e funções destas áreas é essencial para a valorização e preservação das praças públicas, especialmente numa época em que a preocupação global volta-se para o meio ambiente, a sustentabilidade e a qualidade de vida da população.

Acreditamos que nossa cidade poderia ser muito melhor se todas as pessoas, “arregaçassem as mangas” de forma organizada e pacífica e se dispusessem a resolver problemas pequenos do dia-a-dia, mesmo não sendo dela a responsabilidade por tal.

Imagine como seriam nossas calçadas, escolas, praças e afins se muitos de nós “inspirassem” e “transpirassem” tal iniciativa.

É claro que os espaços verdes públicos são cada vez mais defendidos por sustentarem e organizarem a malha urbana. São promotores de uma rede distribuidora de uma continuidade ecológica e cultural, essencial para a sustentabilidade ambiental de qualquer urbe.

A Nossa Praça

Para essa sustentabilidade então torna-se necessário a definição de corredores ecológicos (linhas de água, parques e jardins, manchas florestais, entre outros elementos) que se relacionam com o património construído e natural integrado nessa malha urbana e semiurbana.

Árvores, canteiros de flores e um banco na sombra. A imagem de uma praça na cabeça de uma criança, adulto ou idoso não será muito diferente disso, seja onde ela estiver. A diferença é que alguns países sabem aproveitar melhor esse espaço público. Diferente daqui, onde a regra é não pisar na grama, por lá as pessoas não só almoçam como tiram um cochilinho depois. Incentivar o contato das crianças com esses espaços públicos é uma esperança de que um dia experimentemos essa mesma realidade.

Esse direito à cidade faz bem. A cidade é a tentativa mais bem-sucedida do homem de refazer o mundo em que vive mais de acordo com os desejos do seu coração. Mas, se a cidade é o mundo que o homem criou, é também o mundo onde ele está condenado a viver daqui por diante. Assim, indiretamente, e sem ter nenhuma noção clara da natureza da sua tarefa, ao fazer a cidade o homem refez a si mesmo.

A vizinhança é uma das formas mais estreitas de sociabilidade. É nela que podem se firmar sentimentos de amizade, de solidariedade, de lazer. Os parques e praças são promotores dessa sociabilidade ao permitir os

Israel Foguel

encontros entre vizinhos, mesmo que desconhecidos. Ali, as crianças se unem para o futebol, correm juntas, negociam a ordem de quem desce primeiro no escorregador e, mesmo pequenas, acabam constituindo suas relações de vizinhança e diversas possibilidades de encontros mais próximos.

Nesse contexto, a cidade e o bairro se tornam palco para o surgimento de possibilidades, ações e reações dos indivíduos que neles estão, onde o outro da relação se faz presente como modelador das práticas sociais. O passeio matinal com o bebê pela vizinhança cria laços entre as mães, babás e, futuramente, entre as próprias crianças. Mais que isso. O contato precoce com o espaço público será essencial para criar valores de respeito à natureza e ao direito do outro.

Mas ainda falta mais consciência de pais e responsáveis de que praças e parques são uma opção de lazer para as crianças por permitir que elas explorem a criatividade e a curiosidade, gastem energia e se divirtam. Muitas vezes, preferem fazer passeios indoor com os filhos, em lugares com vários estímulos eletrônicos que podem inibir a criatividade das crianças, mas deixá-las quietas, ou incentivar o consumismo infantil

Brincar ao ar livre faz bem para o físico, para o psíquico e para o comportamento da criança, além de fortalecer o vínculo com pais ou responsáveis.

É de extrema importância que a sociedade entenda que a praça pertence a ela, e que também é de sua

A Nossa Praça

responsabilidade a conservação desses ambientes. Ao levar o seu filho para passear em um local público, ensine-o a conservá-lo, a respeitá-lo, não deteriorando os bancos, não estragando o gramado, os jardins e, principalmente, descartando o lixo de forma adequada”.

Brincar ao ar livre é saudável, econômico, ecológico, distancia as crianças das telas e do foco no consumo. Atualmente as crianças estão brincando pouco por causa do apelo tecnológico.



Muitos jogos eletrônicos e conteúdos televisivos incentivam cada vez mais o consumismo infantil, um problema de toda a sociedade, pois vai em direção oposta à sustentabilidade, além de desrespeitar a infância. Infelizmente, o lazer das famílias está atrelado a compras

Israel Foguel

e gastos, com intenso bombardeio mercadológico sobre as crianças.



O brincar não depende de consumo, e as praças mostram isso. O acesso gratuito democratiza a diversão e ensina outros valores. Não importa muito o brinquedo tecnológico que a criança ganhou no último Natal, mas sua capacidade de interagir, conviver e criar brincadeiras com os elementos que estão ali. O movimento de reocupação desses espaços está relacionado à busca do ambiente que não há mais nas residências brasileiras, porque cada vez mais famílias vivem em apartamentos ou em casas sem quintais. Nas praças, elas podem correr e se movimentar com liberdade. Em frente às telas, elas deixam de interagir com o mundo real.

A Nossa Praça

Além disso, há pouco contato entre os vizinhos e, às vezes, não há crianças na mesma faixa etária nos prédios. Na praça as crianças podem se encontrar e exercitar, o que é fundamental para a infância: brincar de forma livre e criativa.



Esses espaços ensinam a respeitar e a compartilhar. Os brinquedos que lá estão são para uso coletivo e de forma gratuita. As crianças devem usá-los com responsabilidade e respeito, lembrando que outra criança vai usá-los em seguida. E esse aprendizado ocorre na própria brincadeira, porque a criança entende aquele espaço como algo que ela pode usar, mas não pode danificar. E o que se aprende ali pode ser repetido em outros espaços.

As praças, quando seguras, bem cuidadas e bem equipadas, permitem que as crianças ainda estabeleçam

Israel Foguel

um vínculo com seu bairro ou cidade. Uma cidade que não garante espaços adequados para elas não respeita a infância.

Toda a sociedade tem que reivindicar a proteção da infância, que também significa garantir espaços para brincar, aprender e se divertir. E quando temos cultura e arte associadas aos espaços públicos fica ainda mais completo o lazer, não apenas da criança mas de toda a família.

PRAÇAS E CORETOS QUE ENCANTAM

Praças: Como já dissemos, em uma definição bastante ampla, é qualquer espaço público urbano livre de edificações e que propicie convivência ou recreação para seus usuários. Normalmente, a apreensão do sentido de "praça" varia de população para população, de acordo com a cultura de cada lugar. Em geral, este tipo de espaço está associado à ideia de haver prioridade ao pedestre e não acessibilidade de veículos, mas esta não é uma regra.

No Brasil, a ideia de praça normalmente está associada à presença de ajardinamento, sendo os espaços conhecidos por largos correspondentes à ideia que se tem de praça em países como a Itália, a Espanha e Portugal. Neste sentido, um largo é considerado uma "praça seca". Piazza é a palavra italiana para designar

A Nossa Praça

uma praça, um espaço aberto dentro de uma cidade, muitas vezes usado como um mercado, na Itália.

Coreto: Já coreto é uma cobertura, situada ao ar livre, em praças e jardins, para abrigar bandas musicais em concertos, festas natalinas e até mesmo romarias ou cultos. São construções situadas nas praças públicas. Inicialmente, eles eram um espaço de descentralização e democratização cultural. Surgiu com os ideais de igualdade da Revolução Francesa, quando a cultura saiu dos ambientes fechados e pode ser exposta nas áreas públicas. Os coretos foram palcos de manifestações políticas e testemunhas de transformações sociais.

Em Portugal, é encontrado praticamente em todas as povoações no seu centro ou junto a igrejas ou capelas. Também pode ser usado para apresentações políticas e culturais.

O TEMPO NÃO PASSA PARA O CORETO

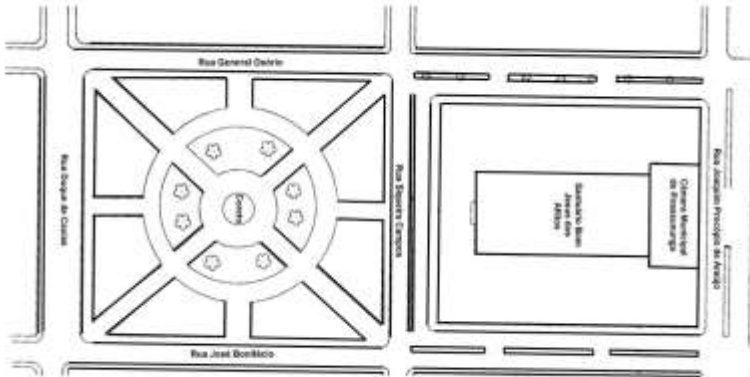
A praça era muito mais um espaço de abastecimento, para abrigar um chafariz, uma fonte de água.

No final do século XIX, começamos a ter praças com paisagismo mais desenvolvido. E esse movimento embalou no final do século e no começo do século XX onde se passou a instalar elementos decorativos e de união nas praças, como os coretos.

Israel Foguel

Mas, ao longo do tempo, além de se afastarem das praças, as pessoas se afastaram dos coretos. Surgiram outras formas de distração. As praças atuais já não constroem seus coretos. Apenas os tradicionais que já existiam são mantidos, às vezes, com muita luta.

Os coretos eram associados a “cidade do interior” e, por isso, os mesmos se localizavam em praças ao redor das igrejas.



Em Pirassununga, os primeiros coretos eram de ferro. Apesar da falta de registros sobre suas origens, acredita-se que tenham sido fabricados na França ou no Reino Unido. Em 1915, surgiu o primeiro coreto de tijolos, que sobreviveu até o ano de 1939, quando foi inaugurado o coreto que ali se encontra até os dias atuais.